

A praxis psicanalítica interrogada pela clínica de crianças e de bebês, a propósito do "mental" e do "sujeito".

Ricardo Goldenberg

Faz tempo que não recebo mais crianças para análise (provavelmente desde que me tornei pai).¹ Nunca trabalhei com bebês. Penso não obstante que a clínica com crianças, plenamente estabelecida quase desde os primórdios e o atendimento dos bebês, bem mais recente, interrogam a Psicanálise no seu fulcro. Sempre defendi que a prática com crianças devia fazer parte do currículo de formação pelo que ensina sobre a nossa práxis de um modo geral.

Sabemos, contudo, que as relações entre a teoria e a prática em psicanálise são bastante menos dialéticas do que muitos tentam nos fazer acreditar. Ainda é perceptível nos debates a tensão entre os "teóricos", que dispensam a clínica para pensar a psicanálise e os "clínicos", que pretendem fundar na só experiência a legitimidade da teoria. Esclareci (ou antes, tentei esclarecer) a minha posição quanto a isso num livro recente,² onde sustento que talvez seja na Psicanálise aonde melhor se verifica a noção de *praxis* pensada por Lukaks e Gramsci para a ação política.

¹ Não foi algo pensado, simplesmente aconteceu. Perdi a distância instrumental, essencial para operar com eficácia clínica. Talvez por estar demasiado identificado com elas, terminava lidando de um modo inepto com seus pais, o que resultava fatal para os tratamentos. Isso não me impede, contudo, assistir colegas analistas de crianças com proveito, nas mal chamadas "supervisões".

² Goldenberg R. *Desler Lacan*. São Paulo: Instituto Langage, 2018.

Não posso refazer aqui todo o argumento, apenas resumo a minha posição. Não existe prática pura, brotando da sua própria espontaneidade. Toda prática e portanto toda experiência está sustentada numa teoria, quer o praticante saiba disso ou não. Há os que afirmam seguir tal ou qual dogma, mas a descrição do que fazem obriga a concluir que estão amparados em outra teoria, não a que acreditam defender. Outros confiam na intuição e na própria experiência como fundamento (o que não deixa de ser uma teoria), isso deixa a "transmissão", como se diz, inefável, iniciática submetida à introspecção do mestre, do guia ou do guru. As tentativas de formalização (ou de pseudo ou símil formalização, como eu prefiro) propostas sucessivamente ao longo dos anos por Lacan correspondem a uma *atitude* digamos *galileana* frente à Psicanálise,³ que tem como exigência que os praticantes saibam (possam saber) quais são as molas teóricas que acionam as suas práticas, de modo a que estas sejam transmissíveis, publicáveis, criticáveis, ensináveis. O que me parece decisivo, em todo caso, é não deixar de ter in mente que da nossa concepção de inconsciente (Lacan dirá: de sujeito) depende o que poderemos ou não analisar nos pacientes. Não outra coisa é o que entendo por *praxis* psicanalítica.

É neste sentido que o gesto ousado dos psicanalistas que se aventuraram a tratar crianças, primeiro e bebês, depois traz à roda problemas teóricos fundamentais para nós, especialmente o que devemos, enquanto psicanalistas, entender por "linguagem", por "mente" e por "sujeito". Proponho a seguir algumas linhas reflexivas para abordar tais problemas.

³ Nisto sigo a linha de leitura de filosofia da ciência de Koyré, como o próprio Lacan, por outra parte fazia.

Lacan disse a Radmila Zygouris, segundo ela me contou, que o problema da criança era não poder usufruir do seu ato.⁴ Como um *ato* é menos algo que o sujeito faz do que algo que faz o sujeito, é só a posteriori que seu *ato* será *seu* ato. Duas noções de “sujeito” coexistem em irresolúvel tensão nesta frase.

Não me escapa a proposta ética implícita naquele comentário: devolver a nossos rebentos uma dignidade que lhes era negada com maior frequência do que gostaríamos de reconhecer. Quem poderia ser contra a oferta de tratá-los como gente desde o começo (ou antes)? Eu não daria, contudo, o passo ontológico de afirmar que *são* sujeitos aquém da linguagem.⁵ Não para desmerecê-los, mas por trabalhar com uma concepção na qual convém *não fazer de um sujeito um ente*.

Quando Piaget investigava a evolução da construção do “objeto permanente”, a possibilidade de reconhecer que uma coisa permanece mesmo depois de ter sido excluída do campo da visão (que a lua não se esfuma quando não a vejo), ele relata uma conduta do seu filho de nove meses que o deixou intrigado. O menino tinha sido posto num sofá entre um cobertorzinho e uma peça de roupa. O pesquisador então tirou seu relógio brilhante e o pôs embaixo do cobertorzinho, que a seguir foi levantado pelo bebê para descobrir o objeto. Aquilo foi repetido várias vezes. Depois, o psicólogo esconde o relógio debaixo da peça de roupa, certificando-se que seu filho tivesse prestado bem atenção ao novo procedimento. Mas, para surpresa

⁴ *L'enfant ne peut pas profiter de son acte*. No sentido de não lhe serem reconhecidas as consequências do que fez ou disse. A ideia de criança inconsequente é precisamente uma ideia dos adultos *sobre* as crianças. Não uma reflexão sobre a posição das próprias crianças.

⁵ Que pode querer dizer, em todo caso, semelhante expressão? Se por "sujeito" deve entender-se a sede do *noema* ou o agente da *noesis*, esta ideia faz tanto sentido como pedir "direitos humanos para as baleias", que nada mais significa que tratar os cetáceos como se fossem pessoas, ou seja, com menos brutalidade, esquecendo que a crueldade é uma característica humana pela qual os homens são apelidados de "animais", sendo que jamais animal nenhum tramou a destruição calculada de outro sem nenhum motivo, como nós fazemos "desde que o mundo é mundo". Em suma, quero dizer que imaginar um sujeito fora da linguagem não passa de uma fantasia teórica.

do pai, em vez de agora levantar a vestimenta para achar o relógio, o nenem torna a levantar o cobertorzinho.

A conclusão de acordo à teoria que o orienta foi que o estágio evolutivo em que o objeto não desaparece quando deixa de ser visto ainda não fora alcançado. Podemos considerar, entretanto, em vez da mera insuficiência cognitiva, a possibilidade de o menininho estar mais interessado no lugar vazio do relógio do pai que no relógio em si. É o que o poeta pensava quando escreveu: "a criança empurra o brinquedo até a borda da mesa e o deixa cair sem porquê. Quiça para brincar com seu lugar vazio."⁶ Imagino que esta ideia de sermos sensíveis desde muito cedo à diferença, menos entre o objeto presente e o ausente que entre a coisa interessante e o lugar que ocupa, não repugnaria a um psicanalista. Cabe observar não obstante que isto se deve antes ao fato de sermos filhos da linguagem que à evolução do nosso conhecimento do mundo.⁷

Existe outro jogo de esconde-esconde famoso em nossa literatura, o *Fort-Da*,⁸ e nada impede fazer dele o exemplo paradigmático de um ato de criança. "Esse bom menininho, tinha o hábito molesto de pegar qualquer objeto que pudesse agarrar e arremessá-lo longe, de maneira que procurar seus brinquedos e apanhá-los depois, dava bom trabalho. [...] Acabei por compreender que se tratava de um jogo".

Se o menininho Heinz não tivesse tido por avô o Sigmund e por tia a Anna, provavelmente teria permanecido apenas uma criança molesta. Nada de jogo e nada de elaboração do trauma das idas e vindas de mamãe Sofia. Como o avô conclui

⁶ Juarroz R. *Poesía Vertical*.

⁷ Não digo que haja que optar entre Piaget e Lacan ou entre a Psicologia genética e a Psicanálise, apenas proponho uma leitura deste acontecimento desde nosso campo. A criança estava brincando de esconde-esconde do relógio, de "achou!", no local do cobertorzinho. Fora desse lugar não há jogo.

⁸ Se me acontece de ter arrumado um leitor leigo, ele poderá se referir ao capítulo 2 do livro de Freud, de 1920, *Além do princípio do prazer*, para saber do que estou falando.

tratar-se de um jogo? Pela repetição do gesto⁹ e a alegria de acompanhar os arremessos ao som de “oooooooo”, que segundo a mãe e o avô *significaria* “Fort!” (“fora!”). O que se veria confirmado porque ao encontrar uma bobina com um cordão, a encenação (literalmente, *Schauspiel*, “jogo de cena”) passou a ter dois atos (sic): atirar o carretel ao som de “oooooooo” e recolhe-lo ao de “aaaaaaaa”, prontamente *traduzido* pelo entorno familiar como “Da!” (ou seja, “aqui!”). Drama em dois atos: a partida e o reencontro... da mãe. Eis a famosa interpretação.

A interpretação é contudo *de Freud*. Só depois podemos dizer, com Lacan, que *Fort* é o significante do sujeito e reconhecer ali seu ato. Antes ou sem ela não haveria sujeito nem, muito menos, ato. Assim como não há chiste se ninguém rir dele. *Espirituoso*, sim, mas o espírito lhe vem do Outro.¹⁰

Atribuir a *elaboração* do trauma à própria criança ou supor que ela é apenas pentelha são duas interpretações possíveis da mesma conduta, com resultados diversos para ela, decerto, mas perguntar o que o menininho seria fora de qualquer interpretação e aquém da linguagem, embora seja pertinente para a psicologia — enquanto herda da metafísica de Aristóteles um psiquismo pensado como uma coisa entre as coisas do mundo—não o é para a psicanálise.

Foi com o intuito de pensar o inconsciente freudiano de um modo não psicológico que Lacan achou necessário refluatuar a concepção antiga de *sujeito* (e portanto também de *objeto*). Antiga significa grega: o sujeito é o suporte *passivo* das significações, dos predicados, dos atributos —donde “*um sujeito não supõe nada, ele é suposto*”. Isso *exclui* portanto que se possa falar dele como um sujeito-

⁹ Piaget opera a repetição por conta própria, quando “brinca” de esconder o relógio embaixo do cobertor para seu filho achar. Se a operação causa o desejo, no sentido psicanalítico da palavra, seu objeto será menos o relógio que o relógio ausente.

¹⁰ O que a religião reconhece prontamente, dizendo que vem de Deus.

agente.¹¹ E o mesmo pode ser dito do objeto, que não é passivo, nem suporte, nem suposto. Atendendo a sua étimo, objeto seria aquilo arremessado frente a nós (como a bobina do pequeno Heinz).¹²

Este giro conceitual passa despercebido pois usamos as noções de sujeito (cognoscente) e de objeto (conhecido) com seu significado moderno. E tal concepção implica o *esse est percipii*,¹³ ou seja, "ver pra crer". Ora, mesmo neste sentido raivosamente idealista, a agência consciente antes *designa* as coisas do que as percebe, e o referente é menos o percebido do que aquilo de que se fala.¹⁴ A psicanálise reconhece nas lacunas e nos eclipses deste sujeito da representação (o *je* do francês) a existência de um outro "sujeito" (aonde o *je*, precisamente, falta), mas este não pode pensar-se, apenas deduzir-se da fala. E Freud não o pensou como um "sujeito", mas como uma entidade à que chamou de "o inconsciente". Problema ontológico e epistemológico que Lacan atacou por várias frentes ao longo de tres décadas ou mais.

O menino Heinz se encontra na alvorada da fala,¹⁵ com seu oooooo/aaaaaa, mas e antes disso? Será que antes estamos aquém da linguagem, nas trevas da animalidade? Uma professora de psicanálise "lacaniana" definia os bebês para seus alunos universitários como "pedaços de carne" sujeitos à fala materna... Deixando

¹¹ Criação kantiana, atribuída a Descartes (que jamais usou esse termo).

¹² Quando decide trazer à tona o significado arcaico de *objeto*, Lacan tem em mente repensar o objeto pulsional e o objeto da fantasia freudianos.

¹³ Famosa frase do bispo Berkeley: "ser é ser percebido".

¹⁴ Sobretudo em psicanálise, onde o que temos é acesso imediato à posição do falante em relação à sua fala, não em relação aos fatos do mundo. Mas, mesmo fora do nosso campo, a idéia de uma percepção bruta extra-linguística é uma conjectura teórica, como inferir o tipo de percepção do mundo que uma mosca teria conhecendo seu aparelho ótico.

¹⁵ Da fala, não da linguagem, onde já está de certo modo desde sempre. Claro que há um hiato entre o fala-se dele e o ele-fala, mas a noção de um estado puramente orgânico e extra-linguístico é uma abstração teórica, que a biologia pode fazer e talvez a medicina também, mas nunca a psicanálise.

de lado o detalhe da criatura como um *pedaço* de carne, que parece concernir à professora, ou seja, é particular dela e não se pode generalizar, a ideia da carne animada pelo verbo tem o status de uma teoria e pode ser (e foi) generalizada, nomeadamente como a versão da vulgata *freudolacanianiana* sobre as relações originais entre o corpo e a palavra.¹⁶

Retomando aquilo de tratar os bebês como gente, não precisa ser um terapeuta para apreciar as vantagens desta estratégia, só que no caso deste a mesma é mandatória. As pesquisas de Spitz que deram no conceito de hospitalismo iam nessa direção já desde o pós-guerra. Os clínicos de bebês repugnam (e com razão) da ideia de estarem tratando pedaços de carne, mas não encontraram melhor alternativa, para se opor à objetificação naturalista das crianças pequenas, que importar para dentro da psicanálise a *petitio principii* das denominadas “ciências cognitivas”, e postular uma subjetividade extralingüística, uma unidade de representação, baseada em observações de condutas ou em mapas da atividade cerebral. Saimos da noção de um corpo prelingüístico vegetativo aguardando por uma alma para cair na noção de uma mente extralingüística embutida no cérebro qual *software* no *hardware* de um computador.

Os estudos sobre o desenvolvimento infantil costumam oscilar entre duas crenças, o mito da *tabula rasa*, que culpabiliza as mães pelos desvios ou sofrimentos

¹⁶ A propósito, numa época falava-se do outro menininho freudiano, Herbert Graff alias "O pequeno Hans", como um lógico mirim, em referência a sua fantasia de ser mordido por um cavalo, que podia ser escrita como uma proposição universal do falo. Tínhamos também a fantasia da Pequena Anna Freud de ser batida pelo pai, tomada por este como paradigmática. E Lacan dedicou um ano inteiro a construir a lógica da fantasia em geral que, ô supresa! coincide com a causação do sujeito pelo significante. Foi depois disso, em todo caso, que os psicanalistas começaram a flertar com a conjectura de que não existe teoria, por mais científica que seja, que não possa ser analisada mediante a lógica geral da fantasia. Análise que obviamente nada diz sobre o seu valor teórico dentro do campo em que foi concebida. Não vejo dificuldade em fazer isso com as teorias físicas de Aristóteles, Lacan o fez com Pavlov e com Cantor, mas acharia uma temeridade tentar aquilo com as teorias hipermatematizadas da mecânica quântica. Enfim, limites da extensão crítica da psicanálise que seria prudente considerar.

do filho que elas teriam criado (nada dado, tudo adquirido) e o ideal científico do *inatismo* e da determinação genética total, que nos devolveria ao instinto (tudo dado, nada adquirido).¹⁷ Imagino que ninguém acredita seriamente hoje que um bebê seja uma *tabula rasa* quando nasce, mas quando se postula um “sujeito” por direito próprio, não só *para o Outro*, que antecipa ali o sujeito por vir —tese com a qual qualquer psicanalista concordaria—, mas “nele mesmo”, está afirmando-se que somos “sujeitos-agentes” (quase) desde sempre. Ora, imaginar uma mente, um psiquismo, um espírito interior, mesmo que o chamemos de “sujeito”, equivale a reificar o efeito dos significantes, única matéria em jogo aqui.¹⁸ Inverte-se a causalidade e se postula um agente emissor de significantes, quando em realidade são estes que causam aquele.¹⁹

[Aos meus 20 anos eu era um dedicado estruturalista. Estudava psicologia, na faculdade de Filosofia e letras da cidade de Buenos Aires, e trabalhava na equipe de Emilia Ferreiro e de Ana Teberosky, aplicando protocolos nas escolas primárias, como parte da pesquisa de campo sobre a aquisição da língua escrita nas crianças, destinada ao centro que Jean Piaget tinha em Genebra na ocasião. Estudávamos

¹⁷ Os etólogos não tem esta concepção de instinto há muito tempo, mas deixemos esta oposição algo caricata a modo de ilustração de duas ideologias duras na queda.

¹⁸ Que esta operação aconteça localmente entre dois organismos que emitem ruídos etc. não muda nada neste raciocínio, visto que estamos falando apenas da atribuição de um sujeito substancial a este organismo, que nos parece uma miragem, análoga à de imaginar que é o sol que gira de leste a oeste. Ou seja, não desconsidero “a carne”, apenas ela está enquanto tal fora do nosso campo.

¹⁹ “Se os significantes causam o sujeito, quem causa os significantes?”, poderia perguntar-se. Estaríamos assim às voltas com o mesmo paradoxo do ovo e da galinha? Neste ponto, só posso lembrar a atitude epistemológica de suspender a pergunta pela origem da linguagem, pertinente talvez para a biologia e a antropologia (a semiótica se cuida muito de *nunca* levantar esta questão), mas inútil para a psicanálise, que não pode senão situar-se num mundo que pressupõe a linguagem. O que sim me parece crucial é não confundir linguagem com fala: antes da fala não significa antes da linguagem. O estado presimbólico dos nossos ancestrais humanóides é um mito da origem.

epistemologia genética com Rolando Garcia e nos debruçávamos, entre outras coisas, sobre os *Fundamentos da etologia*, de Lorenz, o *Curso de lingüística geral*, de De Saussure, as *Estrutura sintáticas*, de Chomsky e a etnologia das *Estruturas elementares do parentesco*, de Lévy-Strauss. Depois trombei com *Écrits* (aprendi francês para poder ler aquilo, e os poetas surrealistas) e, através dele, com *A psicopatologia da vida cotidiana*. Este encontro, o da psicanálise, quero dizer, mudou de um modo radical a minha concepção de linguagem.]

Uma das coisas que aprendi com Piaget (e que mais tarde me serviu para separar-me dele) foi que os grandes impasses em ciência devem-se ao modo de perguntar. Mudando a pergunta que dirigimos ao objeto, este deixa de ser enigmático ou mudo e passa a nos responder. No caso do psicólogo suiço tratava-se de desistir de perguntar “o que é o conhecimento?” e começar a interrogar “como se passa de um estado de menor a um de maior conhecimento?” Deste modo saiu do impasse ontológico para fundar a epistemologia genética, com métodos e protocolos objetivos que verificam tal progresso no aprendizado espontâneo das crianças.

Outra coisa que devo a Piaget, ou melhor dizendo, aos piagetianos, foi que extrapolar um método de pesquisa do aprendizado para transformá-lo num método de ensino era um erro epistemológico que causava um beco sem saída prático. Foi o que aconteceu com a transformação dos protocolos para determinar os mecanismos da aquisição da linguagem escrita em métodos para ensinar crianças a escrever. Esta passagem da epistemologia genética para a pedagogia emperrou

precisamente por desconsiderar-se o que muda (o que deve mudar) quando transitamos de um campo epistêmico a outro.

No caso do tratamento de bebês com o método de Freud entendo haver dois atravessamentos, o das ciências cognitivas para a psicanálise (e não está claro se é esta que absorve as descobertas espantosas daquelas ou então, abandonando seu próprio paradigma, se deixa absorver por elas)²⁰ e, dentro do nosso próprio campo, a extrapolação do método da associação livre —que nada mais é do que a posta em prática da concepção de linguagem em que o inconsciente existe—²¹ para os (mal) chamados “*infans*”. Discutir estas transferências entre campos —que não são apenas de conhecimento mas fundamentam uma ação sobre as próprias crianças (e faz toda a diferença considerar estas últimas como agentes ou como pacientes)— é portanto fundamental para entender a tese fundamental da psicanálise aplicada aos bebês e a crianças pequenas: eles não seriam *infans*.

Infans —donde deriva a palavra “infantil” — se refere, na antigüidade clássica, àqueles que não tinham direito à palavra como ato político frente à comunidade — haja vista não serem ou não serem ainda (caso dos infantes) cidadãos. Escravos, mulheres e crianças. Não eram mudos, nem impedidos de falar, apenas não tinham direito a uma palavra eficaz frente à Polis. Neste sentido as nossas crianças (não só nossos bebês) permanecem *infans* enquanto os adultos as tomam por tais. “Criança não tem querer”, dizia tal mãe para uma delas. Interrogar-se pelo ato, a propósito dos gurus, como Lacan fazia, é no mínimo assinar-lhes uma voz.

²⁰ É o caso do livro de Gérard Pommier, *Comment les neurosciences démontrent la psychanalyse*. Paris: Flammarion, 2004. Remeto à crítica criteriosa e esclarecedora que Marie-Claude Thomás faz deste livro em “Retornar à causalidade psíquica?” Em *Tempo psicanalítico*, Rio de Janeiro, v.43.1, p. 173-197, 2011. Ela diz em suma que a obra de Pommier deveria chamar-se “Como as neurociências *desmontam* [*démontent*] a psicanálise”

²¹ Sim, estou dizendo que o inconsciente freudiano *não existe* na concepção de linguagem que sustentam Chomsky e Pinker, por exemplo, nem na de Piaget; tampouco na que está detrás dos psiquiatras que seguem, sabendo ou não, a Bloomfield.

Cabe perguntar, contudo, que voz é essa; como falam os sem fala? Não como se pode dizer que meu cachorro fala, quando me acorda com a guia da coleira na boca, já que nunca acontecerá de ele confundir os signos e me trazer a coleira, em vez da tigela vazia, quando o que pretende é receber a sua ração. Um animal não comete atos falhos. Será que um recém-nascido sim os comete? Ocorre de um bebê produzir inadvertidamente um significante por outro ao se dirigir ao cuidador? De outro modo, seria justo afirmar que um bebê tem um inconsciente, assim como se nos diz que possui capacidades que podem ser medidas? Todavia, não é sem saída perguntar deste modo?

Estudos neurocientíficos apresentam resultados assombrosos da aplicação de diversos protocolos experimentais —bolados para determinar a idade mínima em que os pequenos reconhecem a voz humana, as diferentes línguas que se falam em torno deles ou com eles, seus nomes próprios etc.—; como todo experimento, estes representam a posta a prova de uma hipótese prévia, que por sua vez depende da teoria que a fundamenta. E neste caso, diria estar sendo testada uma concepção de linguagem que não me parece em absoluto trivial e que merece reflexão.

No já sexagenário *O psiquismo fetal*,²² Arnaldo Raskovsky especula sobre um *id* prenatal, constituído por protofantasias herdadas filogeneticamente e um *ego* incipiente que se forma a partir delas *in utero*. O “trauma do nascimento”²³ galvanizaria este psiquismo primitivo, e uma análise deverá começar pela desmontagem dos acontecimentos pos-traumáticos, para depois reaver os traços

²² Raskovsky A. *El psiquismo fetal*. Buenos Aires: Paidós, 1968.

²³ Rank O. *O trauma do nascimento*. Livro escrito em 1924, em plena produção freudiana.

desaparecidos daquela vida prenatal da mente. O psiquismo se origina, pois, de dentro para fora —desde as pulsões corporais para a alma, digamos.

Lacan, da sua parte, comenta em 1967 o experimento canônico de Pavlov sobre o reflexo condicional²⁴ —datado do começo do século passado, e que está na base do que será mais tarde o *behaviorismo*—, para mostrar que ao isolar experimentalmente o reflexo salivar e a secreção gástrica, o que o fisiologista russo demonstra *inadvertidamente* é como o significante, *que só pode chegar desde o Outro*, parasita uma função tida como natural. Bem humorado, o psicanalista observa que Pavlov seria um lacaniano *avant la lettre*, posto que prova a sua (do psicanalista) definição de significante:²⁵ o sino representaria o experimentador para o reflexo salivar.²⁶

Depois haverá de conjecturar sobre o desejo do cientista de “lograr a função digestiva orgânica”, fantasia de domínio da ciência sobre a natureza.²⁷ Eu retenho aqui sobretudo que o significante chega “de fora” e que o sujeito representado não seria o cão, mas o próprio experimentador.²⁸

O importante não é decidir se “o psíquico” se origina de dentro para fora ou vice-versa (já que fatalmente nos dirão: “nem uma coisa nem a outra, é dialético...”),

²⁴ E não “condicionado”, como terminou sendo conhecido, por um erro de tradução do título russo ao inglês em 1927.

²⁵ “Um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante.”

²⁶ O experimento é famoso: o fisiologista consegue, mediante associações repetidas de um som com a alimentação, que um cachorro salive e produza secreção gástrica apenas escutando o som (de um metrônomo, não de um sino, como em geral se diz), sem nenhum alimento no seu campo de percepção.

²⁷ Cabe notar que o biólogo realizava suas pesquisas na URSS, onde os físicos não podiam testar nem a teoria da relatividade, nem a psicanálise podia ser exercida por serem consideradas ciências contraditórias com o materialismo dialético.

²⁸ A propósito, o mesmo se aplica aos experimentos de Piaget com os bebês. Em todo caso, trata-se do desejo do cientista enquanto tal. Seria um grosseiro psicologismo conjecturar qualquer fantasia “pessoal” de Pavlov, inferida a partir do que poderíamos saber sobre a sua história. A fantasia [*fantasme*] que sustenta tal desejo de biólogo se deduz do formato da experiência em si, do experimento mesmo, assim como se pode deduzir a fantasia sexual que suporta a teoria aristotélica do *hylémorfismo*, de uma copulação da forma com a matéria, o que nada diz de uma suposta verdade particular do filósofo.

mas fazer observar que se está fazendo consistir “o psíquico” ou “o mental” como uma entidade física positiva, que estaria contida de algum modo dentro de nossos corpos, pensados como organismos.

Malgrado use o vocabulário lacaniano, o estudo-manifesto de Pommier, *Como as neurociências demonstram a psicanálise*,²⁹ toma como referência a concepção de linguagem de Chomsky e de Pinker. O último desenvolve a tese consagrada do primeiro, de que a linguagem humana é um *órgão mental*, um sistema neuronal, e não vacila em postular a linguagem como um *instinto* (título do seu livro de 1994). Ele se opõe ao chamado Modelo Padrão de Ciências Sociais, que considera a linguagem “um fenômeno social”, uma construção cultural, um sistema de representação, cujo produto seriam as línguas particulares, que não passam de códigos compartilhados por determinada comunidade.

Embora não negue a tese de as línguas serem construções históricas, deixa claro que a história nada mais faria do que atualizar a faculdade inata da linguagem; engatilhar a inscrição genética que caracteriza um módulo especializado do cérebro humano. À lingüística, enquanto um ramo das ciências naturais, cabe sair do descritivismo de línguas particulares para a explanação da gramática universal, da base comum ao complexo cérebro-mente que nos caracteriza.

Tanto Chomsky quanto Pinker desdenham do que eles chamam “especulações metafísicas” para contestar suas hipóteses sobre uma função gramatical determinada geneticamente e/ou um instinto lingüístico. Haja vista que estaríamos dentro da área de conhecimento das ciências naturais, estas hipóteses só podem ser refutadas mediante evidências empíricas bem testadas. Como grande parte do

²⁹ Pommier, op. cit.

pensamento anglo-saxão, ambos continuam adotando a oposição entre ciências naturais e humanas.

De seguirmos o programa de Lacan, caberia dizer que *a psicanálise representa uma terceira via*. Nem natureza, nem cultura. A linguagem não é concebida como formas puras a priori, nem como estruturas empíricas que não passariam de atualizações de um programa genético gerado pela evolução. A estrutura lacaniana pode ser descrita como um conjunto aberto de significantes assemânticos, que se compõem segundo regras combinatórias definidas e que —está aqui o essencial— “determina efeitos na realidade em que se produz.” O efeito maior será precisamente *o sujeito*, que a noção de estrutura originária do estruturalismo da década de 1950, da qual Lacan a toma, exclui.

"A realidade em que [a estrutura] se produz" é antes de mais nada a da “situação analítica”, na qual se aplica o método da associação livre, e o *sujeito stricto sensu lacaniano* que ali acontece deverá ser confrontado com seu gêmeo mau, com o qual convive de um modo contraditório, o *sujeito lato sensu*, que costuma ser referido ao *cogito* cartesiano e que os franceses podem mais ou menos substancializar sob o apelido de *je*, mas nós não, e por isso proponho chamá-lo sujeito-agente do discurso corrente, que conviria não assimilar rapidamente ao *eu* especular surgido do estádio do espelho.

De outro modo, temos a subjetividade em sentido comum, que podemos identificar na trama uniforme da nossa experiência (frase à qual nove de cada dez lacanianos acrescentará que se trata de uma "experiência de discurso"), e estão os acontecimentos excepcionais, que podemos considerar menos efeitos de linguagem que da ruptura da sua trama, de sua discontinuidade e que foram nomeados pela

expressão consagrada por Octave Manoni como "formações do inconsciente".³⁰ Lapsos, "atos falhos", esquecimentos, chistes, sonhos e por extensão os sintomas que Freud soube recortar escutando as histéricas.

[Enquanto escrevia, lembrei dos esforços denodados de Frodo para não sucumbir por completo ao domínio do anel do poder que portava (com a intenção de destruí-lo),³¹ ou da luta interior de Luke Skywalker para não ser arrastado definitivamente, como seu pai tinha sido, para o lado obscuro da força (que ele está chamado a dominar permanecendo no seu lado luminoso),³² tudo isso a propósito das contradições internas do discurso de Lacan quando sente o puxão gravitacional da filosofia, verdadeiro buraco negro no centro da sua teoria.]

Venho de citar que a realidade em que a estrutura do significante age e pode ser verificada é a da situação analítica, mas existe um volume considerável de "evidências" de que nosso pensador referia a produção do "ser" pelo significante antes à condição humana mesma. Em que obstem as torções retóricas, negações e denegações, tais elaborações parecem afundar o discurso nas areias movediças da mesma metafísica que ele formalmente rejeita, ou, no mínimo, realizam na enunciação a *concepção de mundo* que recusam no enunciado. Nesse sentido, distinções desesperadas feitas pelos epígonos entre sujeito, indivíduo e pessoa, por

³⁰ Expressão consagrada que assume que o inconsciente seria um ente que produz formações.

³¹ *O senhor dos anéis*, de Tolkien.

³² *Guerra nas estrelas*, de George Lucas.

exemplo, parecem outras tantas cortinas de fumaça, para ofuscar as críticas dos que acusam o lacanismo de nominalista ou de idealista.

Por outro lado, quando chamo a atenção de que *sempre* que avança uma formulação que poderia prestar-se à metafísica, Lacan insiste e reitera e torna a repetir que se refere só, apenas e exclusivamente a *nosso* campo ou a *nossa* experiência —e isto não carrega a menor ambigüidade, já que "nosso" se refere à psicanálise, sua praxis e seu campo—, quando insisto em grifar estas nuances, recebo de volta sanguineas objeções de estar reduzindo nossa grandiosa ciência, nossa poderosa máquina de guerra crítica —que permite ler e interpretar a realidade humana em sua totalidade senão o universo—, a uma pífia terapia burguesa, praticada em obsoletos consultórios, decorados com uma samambaia (toque brasileiro), um divã forrado com um tapete persa e uma poltrona *bergés* escura. No meu livro já mencionado³³ argumento que não é preciso optar nem por uma coisa nem pela outra.

*

Tenho lido trabalhos e escutado intervenções de colegas "de orientação lacaniana" que procuram seu norte com a bússola evolucionista e conjecturam a partir de quando se pode afirmar de nossos filhotes que viraram sujeitos; onde traçar o limite temporal entre o antes e o depois da subjetividade a partir do organismo animal. É a volta da psicogênese, que aguardava aletargada e agora retorna amparada na neurociência. Quando, com efeito, está-se apto para virar

³³ *Desler Lacan*, op. cit.

sujeito? Esta pergunta sequer poderia formular-se com uma concepção de sujeito surgindo *ex-nihilo* do significante como a que Lacan propõe. Mas se impõe precisamente quando consideramos um sujeito evolutivo.

Um comportamento como o da ameba quando se afasta de um meio ácido não é aleatório, mas orientado e um parente elementar da resposta reflexa de um organismo sem nenhum sujeito, que Pavlov foi estudar nos humanos, precisamente guiado pela ambição de reconduzir a consciência intencional à estrutura mínima do reflexo condicional.³⁴

Não há dúvida de que os organismos³⁵ superiores demonstram condutas organizadas de acordo a fins, e o conceito de instinto resolveu isso, sem precisar apelar para a intencionalidade ou imaginar ali um sujeito-agente. Os franceses³⁶ chamam isso de “saber”, mas também é certo que se fez um esforço de separar conceitualmente o saber, como nome das leis que os cientistas encontram na natureza (são os cientistas que reconhecem as regularidades como leis), do conhecimento, próprio da consciência intencional. A novidade da psicanálise não foi postular um oximorónico "conhecimento desconhecido", mas postular um "saber" perfeitamente articulado do qual o agente, por chamá-lo de algum modo, não tem o menor conhecimento. Um saber que não se sabe que se sabe, um saber insabido.³⁷

³⁴ Alain Resnais, mostra isso com ironia em *Mon oncle d'amérique*, filme de 1980 que lê a comédia-drama humana com as ideias do neurobiólogo Henri Laborit. Ele mostra suas personagens humanas com cabeças de ratinho de laboratório. Acreditamos agir livremente, mas estamos apenas reagindo de um modo reflexo aos estímulos do mundo exterior sobre nossos cérebros (cf. *Infra* n. 38).

³⁵ Já denominá-los “organismos” supõe o truque de ter desmontado o corpo em peças separadas e constatado que operam juntas e sincronizadas —e não digo “como um motor”, porque a invenção do motor também é devedora de um pensamento que consegue tratar o corpo como um aparato com elementos articulados, que funcionam de um modo coordenado a partir de uma instancia central.

³⁶ Mas não Lacan, que realiza uma torção contra-intuitiva deixando o conhecimento aos animais e reservando o saber para os humanos.

³⁷ Atendendo à etimologia, seria um saber insípido.

Estamos frente à velha questão da *caixa preta* entre o estímulo e a resposta, que perpassa o behaviorismo até os estudos cognitivo-comportamentais, e que hoje as neurociências preencheram com uma programação genética, resultante do evolucionismo neo-darwiniano de um “cérebro” interagente com seu meio.³⁸ Legado da série Pavlov-Watson-Skinner, que voltou a ficar na moda, ao ponto de ter incorporado a suas filas não poucos psicanalistas. Todos desejosos de serem admitidos no clube seleta dos cientistas, como o já mencionado Gerard Pommier.³⁹ Parecem aderir ao projeto de criar uma antropologia psicanalítica aliada às ciências cognitivas, para finalmente alçar nossa disciplina ao pódio das ciências propriamente ditas. Interessa-me aqui discutir seu quadro epistemológico.

Ouvi uma colega comentar, durante umas jornadas dedicadas à psicanálise com bebês, que aguardava ansiosa o momento em que fosse atualizada a metapsicologia freudiana, obsoleta à luz das descobertas da moderna neurociência. Seu voto deixa ver o principal mal-entendido quanto ao paradigma de ciência que suporta a psicanálise. Ela se apoia na conhecida declaração de Freud de as pulsões serem a nossa mitologia e que um dia a ciência descobriria de modo positivo a substância da libido (no hemograma?) e (no cérebro?) o local das pulsões.

O problema de esperar que a neurobiologia explique o psíquico é menos o de abandonar a nossa seara, para nos dirigirmos à dos cientistas, como acreditar na

³⁸ Hélio Schwartzman (Folha de São Paulo, 3/11/19) “[...] o cérebro recorre a heurísticas, que são basicamente truques para tomar decisões sem ter que pensar muito. [Nossos cérebros] se deixam levar por características como fama, riqueza, poder e beleza.” Ou seja, o cérebro pensa; o cérebro é um deslumbrado... Este cérebro parece mais moderno que a alma ou o homúnculo dentro da minha cabeça, mas carrega os mesmos impasses que estes, ou piores, já que funciona no mesmo discurso que dirá que “o mercado acordou nervoso” e por isso a bolsa perdeu sei lá quantos pontos... Que significa, em todo caso, um organismo (ou um “cérebro”) “interpretar” as percepções e estímulos recebidos, antes de que haja ali uma subjetividade que resultaria destas interpretações mesmas?

³⁹ Pommier G. *op. cit.*.

existência física de “o mental” *dentro do campo da psicanálise*. Freud precisou defender-se na sua época da acusação de que para ele tudo era sexual, e desconsiderava o espiritual. Nós precisamos defender-nos não do sexual (que já foi pasteurizado pela noção de gênero), mas de referir tudo à linguagem. Não se trata de eliminar o corpo, mas o mental, como entidade dada ou construída. A “alma”, o “espírito”, “o psíquico” são obra e graça dos significantes. *Isso pensa em mim*, não tem outro sentido.

Temos aqui a separação mais nítida entre Freud e Lacan. O empreendimento lacaniano foi separar a psicanálise do modelo fisiologizante que mantinha o conceito freudiano de pulsão como *conceito-limite* entre o psíquico e o somático, o que era ainda uma tentativa de dar solução dualista ao problema. Lacan atribuiu o materialismo à materialidade do significante, materialidade própria d’*alíngua* –um *motérialisme*–,⁴⁰ materialidade que produz [o “espiritual”...]⁴¹

Esta materialidade consiste em escutar o que se nos diz como signos equívocos. E o sentido que dali resultará é o único espírito que nosso interlocutor terá. Um significante não é uma representação,⁴² mas um *dispositivo de linguagem que pode não ser linguístico*. O que distingue o significante saussureano do lacaniano é precisamente que este ganha corpo. E um psicanalista faria bem em não confundir tal corpo (que Lacan adjetiva de imaginário, não de real) com o organismo estudado pelos biólogos.

É importante que se compreenda, escreve ainda Thomás, o impossível retorno da psicanálise a uma referência qualquer à *psyché* como o “mental”, como realidade ou aparelho “psíquicos”, tal qual ela foi construída pelo freudismo. Eis então o eixo, ou melhor, a bobagem à qual permanece agarrado o problema psicanálise/neurociências.

⁴⁰ *mot + materialisme*, ou seja, para nós, analistas, não há outra matéria a não ser a das palavras. Esta declaração só faz sentido dentro do nosso campo. Os que ignoram que existe o campo da psicanálise e entendem que esta é uma declaração filosófica, metafísica, terminam sem saber muito bem o que fazer com ela.

⁴¹ Thomás M-C “Tempo Psicanalítico” op. cit. p. 190.

⁴² Voltarei sobre isso em detalhe.

Se a teoria analítica exclui o mental, a realidade psíquica ou ainda a representação da ligação E→R —transformada por Lacan em uma metonímica cadeia significante (S→S), devido à “associação livre” do analisante—, a psicanálise não rivaliza com aquilo que as neurociências descobrem do chamado “mental” e de seu funcionamento. Não é necessário que ela seja complementada pelas neurociências. *A psicanálise não exclui os aportes das neurociências enquanto conhecimentos eventualmente afins ao campo freudiano, mas como distintos dele, inaplicáveis a ele.*⁴³

No *compte rendu* do seminário XI Lacan observa ser a questão menos saber se a psicanálise é uma ciência ou não, mas o que seria uma ciência que includesse o sujeito descoberto por ela que, não sem ironia, chamou “sujeito da ciência”. Não dura muito, mas enquanto se mantiver, a relação artificialmente criada por Pavlov entre o tique do metrônomo⁴⁴ e a resposta glandular do cão, alí estará o fugidio “sujeito da ciência”, resultante dos significantes fabricados pelo experimentador. Entre nós, não-cães, estes efeitos-sujeito permanecem melhor costurados. E não faz diferença que tenham sido forjados fora do laboratório pelo nosso entorno, ou pelo nosso entorno feito laboratório.

Não vejo portanto nada a objetar a experimentos como o da chupeta carregada com um eletrodo e um *chip*, que indica variações da frequência do sugar frente a um estímulo novo, interpretadas como um processo cognitivo (afetivo?) acontecendo no bebê. Tampouco recuso a denominação de efeitos-sujeito para tais processos íntimos. Apenas faço observar que enquanto o objeto do experimento não incorporar a estrutura⁴⁵ —alienação—, o único sujeito da ciência ali presente terá sido o pesquisador contando os tiques.

⁴³ Thomás op. cit. Minha ênfase.

⁴⁴ Esse era o som do estímulo para capturar o reflexo gástrico, a bem da verdade, não o de um sino.

⁴⁵ Que não se incorpora “aos poucos”. Não se trata de uma progressão evolutiva: ela se apresenta completa ou não se apresenta.

Tal “incorporação” não demora, mas ela se verifica *après-coup* (para usar um sintagma consagrado). Os vômitos *sistemáticos* (eis a repetição...) que Françoise Dolto propõe interpretar como sendo outros tantos “nãos”, já mostrariam um sujeito do lado do bebê. A interpretação, porém, só se torna eficaz quando retomada pela mãe, para quem Doltó é suposta saber (o que anda mal com seu filho). E a eficácia se verifica⁴⁶ no cessamento dos vômitos sistemáticos, prova de que a função digestiva foi liberada de assumir o papel de mensagem dirigida ao Outro, uma vez que esta mensagem chegou a seu destino.

A interpretação da Doltó inside antes de mais nada sobre a mãe, mudando o campo que ela constituía junto com seu rebento. Se insistimos em desmontar o campo transferencial mãe-filho a título didático (os elementos tomados dentro desse campo não deveriam pensar-se separados, assim como tampouco deveriam pensar-se isoladamente os elementos paciente-analista dentro do denominado dispositivo analítico), o filho seria sujeito no sentido de *hypokeimenon*, de suporte dos significantes maternos. Mediante esta operação, o bebê cai como objeto materno. E a mulher pode deixar em paz seu filho-falo graças à interpretação. Fariamos mal em tentar descrever com uma topologia de esfera o sujeito e o objeto desta relação. Os analistas se apressam a reconhecer o bebê como um apêndice materno, mas isso é tão certo como que a mãe não passa de um órgão filial. A topologia da esfera, como disse, não convêm para pensar esta relação. A garrafa de Klein é melhor.

São Paulo, Julho 2020

⁴⁶ Não cabe abundar nela, mas existe uma diferença entre verdade e verificação, essencial a nossa operação.